

CRENÇAS SOBRE A HABILIDADE DE FALA DOS APRENDIZES DA LÍNGUA JAPONESA COMO LE (LÍNGUA ESTRANGEIRA) EM UM CURSO UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA DE ENSINO

Jaqueline M. Fukushi¹
Yûki Mukai²

Resumo: Este trabalho investiga a metodologia utilizada em sala de aula da matéria Japonês – Expressão Oral 1 (nível intermediário) de uma universidade pública e as crenças da professora e dos alunos da mesma matéria em relação à metodologia no que se refere à habilidade de fala. O objetivo deste trabalho é investigar e sistematizar (1) as abordagens, os métodos e as técnicas utilizadas pela professora e as suas crenças em relação aos mesmos e (2) as crenças dos alunos tanto em relação à metodologia utilizada pela professora, como também em relação à habilidade de fala. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e sua natureza é o estudo de caso. O estudo se dá em uma universidade pública do Distrito Federal, no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa. Os participantes foram a professora e sete alunos que atendem à matéria acima referida. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionários mistos, observação de aulas com notas de campo, gravações das aulas em áudio e entrevistas semiestruturadas. Os resultados sugerem que a crença da professora da matéria está relacionada com a abordagem da gramática-tradução, mas, na realidade, a mesma utiliza o método direto e a abordagem comunicativa em sala de aula. Para os alunos desta pesquisa, falar é a habilidade linguística mais importante e também a mais difícil. Apuramos também que os alunos encontram-se insatisfeitos com sua habilidade de fala.

Palavras-chave: crenças; habilidade de fala; ensino da expressão oral da língua japonesa; abordagem; método.

1. Aluna de graduação do curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB).

2. Doutor em Linguística Aplicada. Professor Adjunto do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

Abstract: In this paper we investigate a methodology used in Japanese Oral Expression 1 classes (intermediate level) of a public university and the professor's and students' beliefs in relation to the methodology regarding the speaking ability. The aim of this research is to investigate and systematize (1) approaches, methods and techniques used by the professor and her beliefs concerning them and (2) students' beliefs regarding the methodology used by the professor, and their speaking ability. This research is a qualitative approach and its nature is a case study. Our investigation was conducted in a Japanese Language and Literature course of a public university of Federal District. The participants were a professor and seven students of Oral Expression 1 classes. The data was collected by means of mix questionnaires, classroom observation with field notes, audio recordings of lectures and semi-structured interviews. The results suggest that the Japanese Oral Expression 1 professor' belief is related to the grammar-translation approach, but in reality, she uses the direct method and communicative approach in the classroom. For students of this research, speaking is the most important language skill and also the most difficult one. We also found out that students are dissatisfied with their speaking ability.

Keywords: beliefs; speaking ability; Japanese oral expression teaching; approach; method.

1. Introdução

Depois de presenciar algumas queixas em relação à habilidade de fala de estudantes do curso de Letras-Japonês de uma universidade pública do Distrito Federal, decidimos focar o tema em métodos e técnicas de prática de expressão oral, com o intuito de verificar e refletir a realidade das aulas de expressão oral, prática do japonês bem como crenças da professora e dos alunos sobre tais métodos, técnicas e a habilidade de fala. Alguns problemas detectados no curso supracitado são (a) reclamações por parte dos alunos com relação à habilidade de fala e (b) falta de oportunidade para se comunicar na língua-alvo.

O objetivo deste trabalho é investigar e sistematizar as abordagens, os métodos e as técnicas utilizadas pela professora e as suas crenças em relação aos mesmos e ainda levantar e analisar as crenças dos alunos tanto em relação à metodologia utilizada pela professora, como também em relação à habilidade de fala.

2. Revisão de Literatura

2.1 Diferenciação entre Abordagem, Método e Técnica

Muitas vezes ao escutar palavras como abordagem, método e técnica no âmbito escolar, as pessoas acabam confundindo os sentidos e usam os termos erroneamente. Para sanar qualquer dúvida a esse respeito analisaremos e verificaremos o que a literatura tem falado sobre os termos.

Abordagem é um conceito mais abrangente (LEFFA, 1988, p. 212) que abarca, entre outras coisas, qual a visão que o professor tem sobre o que é uma língua

e o que significa ensinar e aprender (VILAÇA, 2008, p. 78). Veroneze e Carvalho (2008, p. 4), baseados em autores como Brown (1994) e Larsen-Freeman (2000), concluem que abordagem refere-se aos conceitos e crenças sobre a linguagem e aprendizagem da língua.

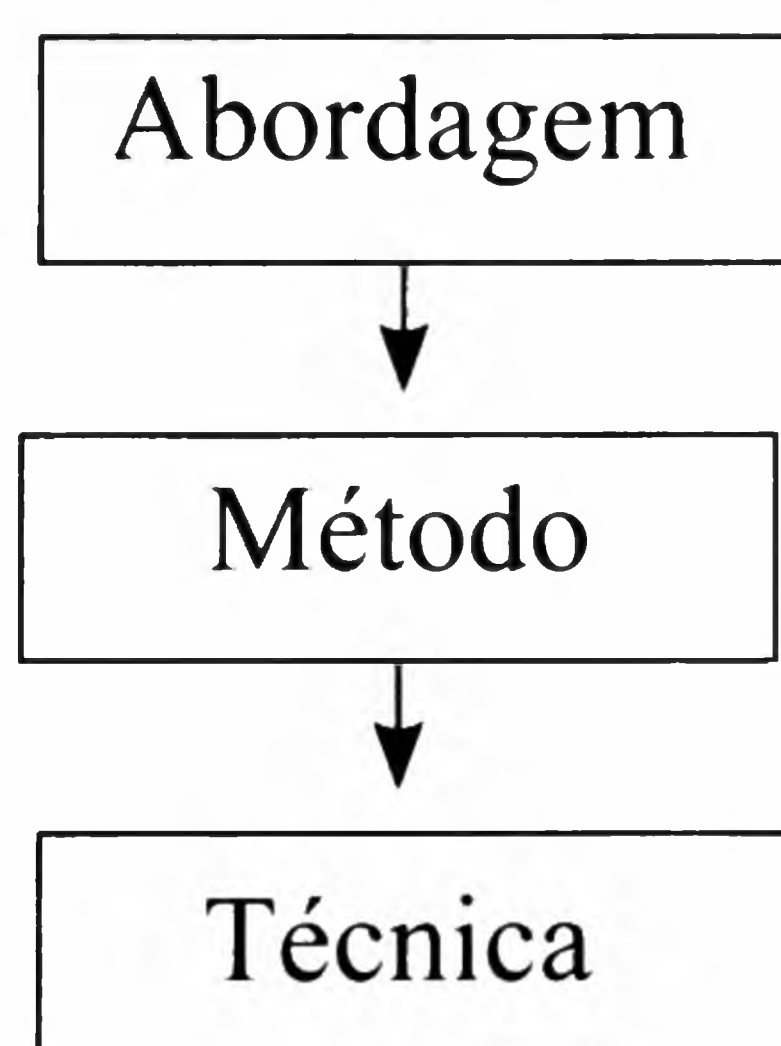
Para Leffa (1988, p. 212) o método é mais restrito do que a abordagem, sendo que esse pode estar contido nesta. Veronezes e Carvalho (2008, p. 4) veem o método como procedimentos que embasam as decisões tomadas pelos professores.

Segundo Leffa (op. cit.) muito do que conhecemos por método, como o método direto, ou método da gramática-tradução, na verdade são abordagens, pois traduzem visões diferentes de ensino.

Palavras como recursos, estratégias, atividades, instrumentos, entre outros, servem para definir técnicas. Veroneze e Carvalho (2008, p. 4) conceituam técnicas como “atividades específicas utilizadas no processo de ensino em harmonia com o método e abordagem definidos” Os professores utilizam determinadas técnicas para colocar em prática o ensino e a aquisição da língua-alvo.

Edward Anthony (1963 *apud* VILAÇA, 2008) vê a abordagem, método e técnica de forma hierárquica, onde a abordagem é o conceito mais amplo (concepções do professor sobre o que é o processo de ensino-aprendizagem); o método como um conceito intermediário (plano geral de ensino) e técnica como recursos para a realização da prática docente. Neste estudo adotamos a posição de Edward Anthony (1963), pois consideramos o modelo hierárquico o mais apropriado para a ação docente, onde a abordagem (pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas) determina os métodos (normas de aplicação) e técnicas (atividades específicas) utilizados pelo professor.

Figura 1: Posição hierárquica dos três conceitos



(VILAÇA, 2008, p. 76)

2.2 Métodos e Abordagens

Nesta seção abordaremos, do ponto de vista diacrônico, os principais métodos e abordagens utilizados em sala de aula no ensino de línguas estrangeiras (doravante LEs). São eles: método gramática–tradução, método direto, método audiolingual e abordagem comunicativa.

Como um dos objetivos da nossa pesquisa é identificar quais abordagens e métodos a professora utiliza em sala de aula na matéria Japonês – Expressão Oral 1 (doravante JEO1), faz-se necessária uma revisão dos principais métodos e abordagens utilizados no ensino de LEs.

2.2.1 Método gramática-tradução

Larsen-Freeman (2000) afirma que o método gramática-tradução surgiu para o ensino das línguas clássicas no século XVIII. Recebe esse nome por levar em consideração as formas gramaticais da língua-alvo e exercitar a língua por meio de traduções. Nota-se que este método está mais voltado para o desenvolvimento (1) da competência de leitura na língua-alvo e (2) do conhecimento de sua estrutura gramatical. O estudo de uma língua estrangeira por meio do método gramática-tradução possibilita um maior entendimento de sua própria língua materna, uma vez que a tradução é muito exercitada.

2.2.2 Método direto

Esse método se diferencia do método gramática-tradução pela necessidade surgida de utilizar a língua-alvo na oralidade e, por tentar suprir essa necessidade, o método direto se tornou popular (LARSEN-FREEMAN, 2000, p. 23). O método tem esse nome porque a regra básica é não permitir o uso de traduções durante a aula. O uso do método direto é uma alternativa para que o estudante aprenda a se comunicar na língua-alvo ao invés de aprender sobre a língua-alvo. A princípio pode assustar os estudantes pelo fato de não ser permitida outra língua que não seja a língua estudada. É muito importante o uso de recursos visuais tais como fotos, desenhos ou objetos reais para facilitar o entendimento por parte dos alunos.

2.2.3 Método audiolingual

Esse método também apresenta uma abordagem baseada na oralidade, mas se diferencia do método direto por enfatizar o uso correto dos padrões gramaticais (LARSEN-FREEMAN, 2000, p. 35). O professor tem o papel

de condicionar e auxiliar o aluno na aquisição da língua-alvo. O método audiolingual é importante para que o estudante possa perceber como funciona a estrutura da língua. Os exercícios de repetição auxiliam nesse processo. O mais comum é utilizar este método nos níveis mais básicos, no momento em que o estudante tem o primeiro contato com a estrutura estudada e que posteriormente o aluno seja estimulado a expressar suas próprias ideias sem ter que repetir.

2.2.4 Abordagem comunicativa

Veroneze e Carvalho (2008, p. 8) destacam que nessa abordagem, o fato de aprender uma língua envolve não só adquirir o vocabulário e os tópicos gramaticais, mas também é preciso compreender a função semântica e social que toda língua tem. Os professores que se utilizam da abordagem comunicativa precisam ter um profundo conhecimento sobre a cultura do país onde se fala a língua-alvo, pois precisa fazer com que o estudante aprenda a se comunicar de forma eficaz. Isso significa que não basta o aluno saber falar, mas precisa saber também identificar o contexto, o *status* do interlocutor e assim escolher, dentro de várias possibilidades, a melhor forma de passar a sua mensagem.

2.3 Definição de habilidade de fala

O ato de falar é um processo que implica em pensar o que e em como falar e de fato expressar oralmente esta informação. A comunicação entre o falante e o ouvinte se dá por meio do objetivo da conversa, da diferença de informação, o direito de escolher como falar e a reação que as pessoas expressam na conversa (JAPAN FOUNDATION, 2007).

Nunan (1999) cita que as funções básicas da linguagem são a transferência de informação (função transacional) e a manutenção das relações sociais (função interacional). Para desempenhar essas funções é importante desenvolver a habilidade de fala.

2.4 Crenças

Os estudos de crenças podem ser divididos em dois momentos diferentes. O primeiro momento, na década de 1980, se refere ao tempo em que as crenças eram tratadas como estáveis e imutáveis por se considerar que crenças são ideias preexistentes, concepções (HORWITZ, 1987). O outro momento, mais recente, concebe crenças como um resultado das nossas experiências anteriores e presentes,

baseadas na interação com as pessoas (ALVAREZ, 2007; BARCELOS, 2001; 2006; 2007; KALAJA, 2005; PAJARES, 1992 entre outros).

Barcelos (2007, p. 114-115) concebe crenças como dinâmicas (elas podem mudar com o tempo), contextuais (nascem no contexto da interação que se cria com a sociedade) e paradoxais (as crenças, além de serem individuais, podem nascer de sentimentos e emoções e nem sempre aquilo em que se acredita é o que se faz na prática).

Neste estudo adotamos a definição de Barcelos (2007), pois acreditamos que as crenças se formam a partir das nossas experiências de vida, da relação que nós temos com a sociedade e também a partir das experiências individuais.

O estudo das crenças é extremamente importante no âmbito pedagógico. Mukai (2012, p. 194) aponta que há diferenças entre a forma de pensar dos professores e estudantes e estar consciente destas divergências pode prevenir conflitos, uma vez que se torna possível fazer acordos para convergir os interesses de ambas as partes (BARCELOS, 2007, p. 111).

Conforme o exposto, é imprescindível para o professor estar consciente das crenças dos alunos, pois isso pode influenciar na escolha das abordagens e métodos utilizados em sala de aula (BARCELOS, *idem.*, *ibid.*).

Uma vez que se sabe das crenças de alunos, professores e demais pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, é possível traçar um panorama para descobrir a situação em que se encontra determinado curso. Se algo estiver fora do esperado é possível tomar atitudes que levem à mudança de postura, mesmo que a mudança de crenças seja algo muito difícil de acontecer, não é impossível (BARCELOS, *idem.*, *ibid.*).

3. Metodologia

3.1 Objetivos da pesquisa

Os objetivos deste trabalho são:

- a) Identificar e analisar as abordagens, os métodos e técnicas utilizadas pela professora da matéria JEO1 e suas crenças em relação aos mesmos;
- b) Investigar as crenças dos alunos de JEO1 em relação à sua habilidade de fala;
- c) Investigar e sistematizar as crenças dos alunos em relação aos métodos utilizados pela professora.

A partir dos objetivos listados acima, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa: quais abordagens, **métodos e técnicas a professora tem aplicado nas aulas de JEO1?**; quais as crenças dos alunos em relação à habilidade de fala?; quais as crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnica utilizadas pela professora em sala de aula?

3.2 O Método e a natureza da pesquisa

Nesta pesquisa, utilizamos o método qualitativo. Uma pesquisa qualitativa se caracteriza por ser: (a) naturalista (ocorre em contextos naturais), (b) descritiva (os dados coletados não são quantificados, mas tomam a forma de palavras), (c) processual (não se preocupa com resultados), (d) indutiva (não se buscam evidências que comprovem hipóteses) além de (e) buscar significados (se preocupa com os significados construídos pelos participantes da pesquisa) (VIEIRA-ABRAHÃO; BARCELOS, 2006).

A natureza desta pesquisa foi o estudo de caso. O estudo de caso é qualitativo e permite focar em uma única entidade para buscar conhecer a fundo todas as características do objeto de estudo (JOHNSON, 1992).

3.3 Contexto

3.3.1 Descrição do curso de língua japonesa

O curso de Letras-Japonês de uma universidade do Distrito Federal é dividido em duas etapas, onde a primeira é o nível básico com duração de 4 semestres. O nível intermediário vai do quinto ao oitavo semestre e tanto o nível básico como o nível intermediário contam com aulas teóricas e práticas. O livro didático adotado no nível básico é o “*Nihongo Shoho* (Japonês básico)” No nível intermediário utiliza-se o “*Nihongo Chûkyû 1* (Japonês intermediário 1)” para o 5º e 6º semestres e o “*Nihongo Chûkyû 1 e 2* (Japonês intermediário 1 e 2)” para o 7º e 8º semestres. O nono semestre é dedicado ao Trabalho de Conclusão de Curso.

3.3.2 As aulas de Japonês – Expressão Oral 1

A matéria JEO1 é uma matéria não obrigatória oferecida no quinto semestre do curso de Letras-Japonês, ou seja, é ofertada para alunos do nível intermediário, conforme a seção 3.3.1. É uma matéria de 2 créditos, ou seja, uma aula por semana com duração de 1 hora e 40 minutos. Ao final do semestre são contabilizados 15 encontros totalizando 30 horas aula. As aulas são oferecidas todas as quintas-feiras, no segundo horário (de 20:50 às 22:30).

Há uma regra estabelecida pela professora da matéria em questão. Dentro da sala de aula só é possível usar as construções da língua japonesa. Isso significa que em alguns momentos, quando os alunos não sabem determinada palavra, eles podem falar só esse vocábulo em português, mas a construção frasal deve ser da língua japonesa. Em outras palavras, é mais valorizado o fato de o aluno se esforçar para falar em japonês do que a bagagem do léxico que cada um tem.

3.4 Os participantes da pesquisa

Os participantes da presente pesquisa foram a professora e sete alunos da disciplina JEO1 (nível intermediário). Dos sete alunos, todos os alunos da turma, exceto um aluno, participaram do questionário e entrevista. Atribuimos um nome fictício a cada participante para que a identidade do participante da pesquisa fosse resguardada. Como os alunos do nível intermediário já haviam aprendido a gramática básica da língua japonesa e estão buscando melhorar a habilidade de fala, essa turma se mostrava ideal para a coleta de dados.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados foram usados os seguintes instrumentos:

- a) Questionário misto [1] (aplicado à professora) (doravante Q1);
- b) Questionário misto [2] (aplicado aos alunos) (doravante Q2);
- c) Observação de aulas com notas de campo;
- d) Gravações das aulas em áudio;
- e) Entrevistas semiestruturadas (aplicadas à professora [doravante E1] e aos alunos [doravante E2]) com gravação em áudio.

3.6 A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre letivo de 2012. Pedimos aos participantes que nos entregassem, primeiramente, os questionários mistos. A maioria dos participantes nos entregaram os questionários mistos antes da greve³ começar e alguns nos enviaram as respostas por e-mail. Depois, partimos para as entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas em salas da universidade.

3 A greve teve início no dia 18/05/2012 e se estendeu até o dia 20/08/2012.

Concomitantemente à aplicação dos questionários mistos e à realização das entrevistas semiestruturadas, realizamos a observação das aulas. Assistimos a quatro aulas, nos dias: 10/05, 17/05, 06/09 e 13/09/2012.

3.7 Procedimentos para a análise de dados

Após a coleta de dados a análise foi feita de acordo com a ordem abaixo:

- a) Identificação das abordagens, métodos e técnicas da professora;
- b) Identificação das crenças da professora e dos alunos;
- c) Descrição e agrupamento das abordagens, métodos e técnicas da professora;
- d) Descrição e agrupamento das crenças da professora e dos alunos;
- e) Triangulação dos dados;
- f) Análise e interpretação.

A análise dos dados se deu da seguinte forma: primeiro foram analisados os dados coletados com a professora e posteriormente os dados coletados com os alunos.

4. Resultados da Análise

Apresentamos os resultados obtidos por meio da coleta de dados. É importante ressaltar que durante a coleta de dados houve a greve dos professores que durou cerca de 90 dias. Acreditamos que este fato tenha exercido algum tipo de influência nos resultados obtidos.

4.1 Crenças da professora sobre as abordagens no ensino de japonês como LE

A abordagem adotada pela professora está centrada na crença de que a língua é uma atividade cognitiva e a aprendizagem acontece por meio da internalização das regras que regem essa atividade (LEFFA, 1988, p. 212), como pode ser constatado no seguinte trecho:

[1] Pra mim ensinar o japonês é ensinar a estrutura da frase, em primeiro lugar. (...) Por que que eu falo que ensinar a estrutura é importante? Ao meu ver é o caminho mais rápido para um aluno entender uma língua. (...) Leitura de texto é onde o aluno vai encontrar, digamos assim, o monumento final. (professora, E1⁴)

4 E1 se refere à entrevista semiestruturada feita com a professora.

Conforme o resultado acima, a professora acredita que a escrita e a gramática são mais importantes no ensino de língua japonesa. Assim, pode-se dizer que a crença da professora está relacionada com a abordagem da gramática-tradução (LEFFA, op. cit. p. 214), onde é dado bastante ênfase nas estruturas gramaticais e nos textos literários.

4.2 Os métodos e as técnicas utilizadas pela professora

Levando em consideração o conceito de método de Leffa abordado na seção 2.1 deste trabalho, podemos dizer que a professora organizou o seu método, o seu plano de ensino, da seguinte forma:

Quadro 1 – Sistematização do método de JEO1-1/2012

Quantidade de aulas	O que foi trabalhado	Tema
Não foi observado	Auto-apresentação	Não foi observado
Não foi observado	Apresentação da família	Não foi observado
Não foi observado	Descrição de um espaço, objeto, lugar	Não foi observado
2	Narração	Texto sobre golfinhos, Texto sobre formigas
		Vídeo intitulado “Yan-san to Nihon no hitobito”
4	Debate	Montanha X Praia; Cães X Gatos
		<i>Kanji</i> X Letras romanas
		<i>Kanji</i> X Letras romanas
		A favor do consumo de carne X Contra o consumo de carne

Percebemos que a professora dribla a dificuldade de criar situações para o treino da habilidade de fala em sala de aula, organizando os tópicos a serem trabalhados primeiramente com assuntos de dificuldade menor partindo para a dificuldade maior. E mesmo em cada aula, ela sempre começa fazendo perguntas sobre as experiências dos alunos, criando assim um ambiente agradável à conversa.

Quando questionada sobre o método que a professora utiliza em sala de aula, a professora responde:

[2] Basicamente o *input* natural. (professora, Q1⁵)

E especificou a resposta dizendo:

[3] Eu dou o tema e falo: agora vocês começam a falar. (...) Então, *input* que eu digo é nesse sentido, (...) é fazer com que a coisa entre sem estar explicando, porque é oralidade. (professora, E1)

Podemos inferir que o “*input* natural” a que a professora se refere está relacionado com o método direto, onde a professora e os alunos se comunicam apenas na língua-alvo. Ou ainda com a abordagem comunicativa, onde o foco da aula é a comunicação na língua-alvo utilizando-se de materiais autênticos como foram os textos utilizados na primeira aula observada.

Quanto às técnicas utilizadas em sala de aula, que tivemos a oportunidade de observar, podemos citar: leitura de textos, uso de vídeo, uso de brincadeiras de adivinhação, debates e conversas sobre o dia a dia dos alunos.

Podemos afirmar que quando a professora inicia a aula com perguntas mais brandas para mais tarde entrar em assuntos mais complexos, nesse momento a professora utiliza a técnica dos exercícios contextualizados. Com relação aos exercícios de aplicação, podemos inserir o debate, que é a oportunidade do aluno expressar suas ideias e opiniões acerca de algum assunto.

A professora acredita que para maximizar a habilidade de fala dos alunos é preciso ter contato com a língua japonesa mais vezes durante a semana, além de pensar, de uma forma mais ampla, um curso de prática oral à parte, desde o segundo semestre do curso de Letras-Japonês.

4.3 Crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnicas utilizadas em sala de aula

Para começar, procuramos entender porque os alunos decidiram cursar uma matéria optativa na grade do curso Letras–Japonês. Reproduzimos da mesma forma que os alunos haviam escrito, incluindo os erros gramaticais e ortográficos.

[4] Para melhorar a compreensão auditiva, vocabulário e talvez perder um pouco da insegurança na hora de falar japonês. (Sheila, Q2⁶)

[5] Porque acho essencial o treino no mínimo semanal para o desenvolvimento da língua japonesa. (Israel, Q2)

5 Q1 se refere ao questionário misto aplicado à professora.

6 Q2 se refere ao questionário misto aplicado aos alunos.

[6] Justamente para me ajudar a melhorar o ato da fala e compreender melhor o que as outras pessoas dizem. Quero “desbloquear” a minha fala de japonês. (Alex, Q2)

Nota-se que os alunos sentem a necessidade de aprimorar as suas capacidades de se expressarem oralmente na língua japonesa. Como vimos anteriormente, há poucas chances deles praticarem a língua e, para suprir essa necessidade, eles se matricularam na matéria JEO1.

Comprovamos que a professora utiliza o método direto e a abordagem comunicativa, pois a maioria dos alunos citam o uso da língua japonesa para conversar sobre os temas propostos.

Relembramos aqui que a regra da matéria JEO1 é que o aluno se expresse somente na língua japonesa. É possível utilizar palavras em português quando não souber algum vocábulo, mas a estrutura da frase deve ser a da língua japonesa. A maioria dos alunos aprova essa abordagem, como pode ser visto pelo depoimento a seguir:

[7] É bom. Acho que não tem nenhuma outra matéria que faz assim. A gente tá sempre se comunicando, (...) ou você fala alguma coisa ou você fica calado. E no caso, ficar calado na aula não vai ajudar bastante. (Alex, E2)

Os alunos se mostram muito satisfeitos com a forma que a professora conduz a aula, sempre sendo cobrados para conversar em japonês. Podemos inferir que eles se sentem desafiados e isso pode ser um fator motivacional importante.

Os alunos apreciam o fato da professora começar com temas mais brandos e de fácil desenvoltura. Gostam também dos temas mais próximos às suas realidades, pois se sentem mais seguros ao falar de coisas que têm domínio. Gostam de falar de suas próprias experiências. Estimular a fala de assuntos mais fáceis para assuntos mais difíceis é uma ótima estratégia utilizada em sala de aula. Outros recursos que os ajudaram a desenvolver a habilidade de fala foi o uso de vídeo. Os alunos assistiram e detectaram vários aspectos culturais diferentes e isso provocou uma discussão intensa com troca de informações entre os alunos, a professora e o monitor.

O debate é outra atividade que merece destaque. A professora sempre perguntava a opinião dos alunos antes de iniciar o debate. E então, propositalmente, formava os grupos de forma que aqueles que eram a favor de certo assunto ficassem no grupo daqueles que iriam se posicionar contrariamente. Essa técnica utilizada pela professora parece ter dois efeitos contrários. Alguns alunos acreditam que esta técnica é positiva por forçá-los a pensar de forma contrária ao que normalmente pensam e outros acreditam que é mais difícil falar quando precisam pensar de forma contrária ao que pensam.

De uma forma geral, acreditamos que esta atividade tem resultados positivos. No começo os alunos apresentavam certa dificuldade de se expressar contrariamente àquelas crenças que eles têm, mas este também é um treino de desenvolvimento de argumentos, o que serve de exercício não só da língua japonesa, mas também de uma forma geral, para a vida.

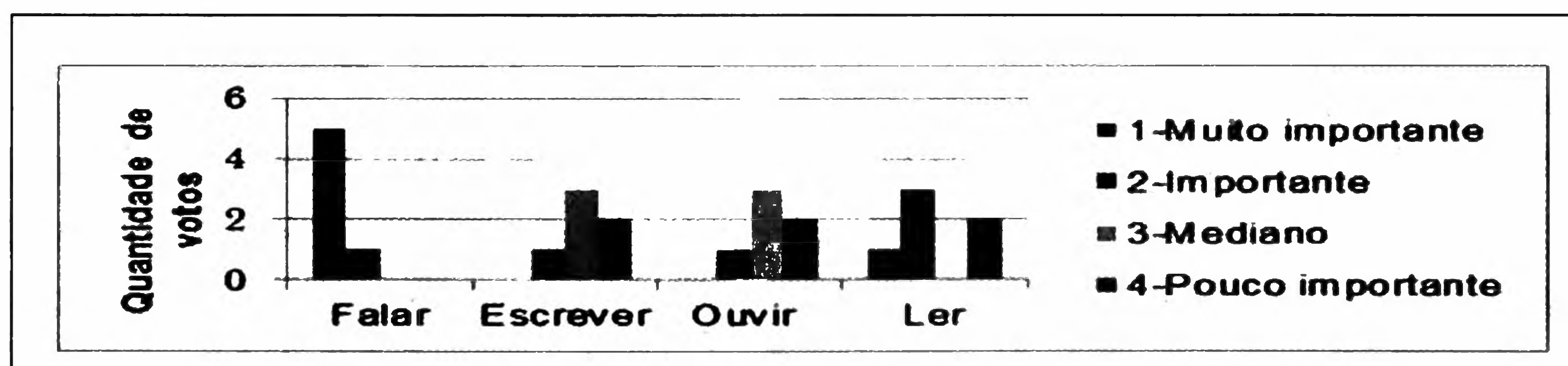
O nível de satisfação dos alunos com a abordagem, o método e as técnicas utilizadas pela professora é muito alto. A maioria se diz muito satisfeito só pelo fato da aula ser ministrada só em japonês, o que revela que os alunos sentem falta de mais aulas neste formato.

4.4 Crença dos alunos em relação à sua habilidade de fala

A partir das opiniões dos alunos, foi possível tecer algumas considerações importantes a respeito da habilidade de fala.

Os alunos acreditam que dentre as quatro habilidades linguísticas (falar, escrever, ouvir e ler), a mais importante é a habilidade de fala, como pode ser atestado pelo gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Qual a habilidade linguística mais importante?



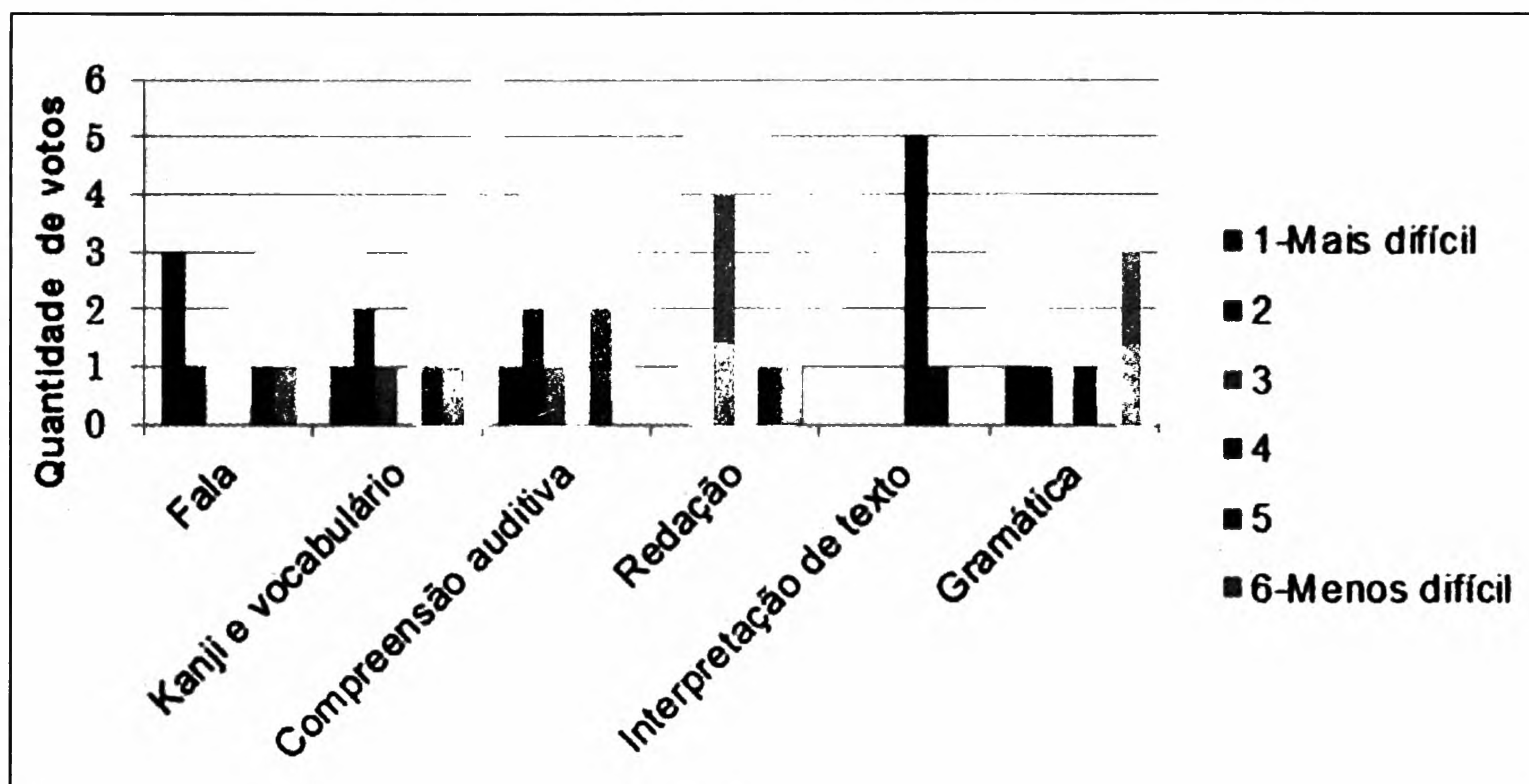
Obs.: Informação obtida por meio do Q2, onde foi solicitado que os alunos enumerassem de 1 a 4 as habilidades linguísticas, sendo 1 a mais importante e 4 a menos importante.

Pode-se inferir que a habilidade de fala é considerada importante por três fatores principais: a comunicação, a questão profissional e a cultura. A habilidade de falar a língua japonesa fará com que os alunos possam estabelecer meios de comunicação com outras pessoas, mantendo assim, as relações sociais, que é uma das principais funções da língua (NUNAN, 1989, p. 27). Pode ser que a habilidade de fala da língua japonesa exerça um papel importante profissionalmente na vida dos alunos. E por último, há a crença de que falar a língua japonesa é uma ferramenta para compreender a cultura do Japão.

Observamos também que ao mesmo tempo que a habilidade de fala da língua japonesa é importante, os alunos a consideram muito difícil.

Em questão de dificuldade, metade da turma admite ser a fala a opção mais difícil dentre a gramática, fala, redação, escrita e vocabulário, compreensão auditiva e interpretação de texto, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Maior dificuldade em sala de aula



Obs.: Dados obtidos por meio do Q2, onde foi solicitado que os alunos enumerassem de 1 a 6 as opções de acordo com o grau de dificuldade, sendo o 1 a maior dificuldade e 6 a menor.

Observamos diversas causas da crença de que falar a língua japonesa é difícil. Sistematizando, podemos citar: a falta de vocabulário, a falta de contato com a língua, a expectativa da professora em relação ao conhecimento do aluno, nervosismo e a estrutura gramatical da língua japonesa que difere muito da estrutura gramatical da língua portuguesa.

Ao pedir que os alunos fizessem uma autoavaliação sobre o seu desempenho nas aulas de JEO1 e sobre o desempenho de sua habilidade de fala na língua japonesa de uma forma geral, obtivemos o seguinte resultado, onde a nota 1 se refere à nota que o aluno deu para o seu desempenho nas aulas de JEO1 e a nota 2 se refere à nota que o aluno deu para o desempenho extraclasse de sua habilidade de fala:

Quadro 2 – Autoavaliação

Nome	Nota 1	Nota 2
Patrícia	8	5
Sheila	6	7,5
Israel	9	6
Luan	6	6
Otávio	5	2
Alex	8	6

É interessante observar que, com exceção de Sheila e Luan, os demais atribuíram uma nota maior para o seu desempenho nas aulas de JEO1. Isso pode refletir que, apesar de os alunos se esforçarem para desenvolver a habilidade de fala na sala de aula e aparentemente estarem satisfeitos com os seus desempenhos nas aulas de JEO1, quando eles se deparam com uma situação de uso da língua japonesa fora da sala de aula, eles ainda não se sentem preparados ou sentem dificuldade, conforme indicam as notas 2 acima.

Todos almejam a fluência da língua japonesa, principalmente o desenvolvimento da habilidade de fala. Mas estão conscientes de que ainda falta um certo caminho a ser percorrido e é possível atestar isso pelas notas que se deram quando indagados sobre o desempenho da habilidade de fala no contexto extraclasse (nota 2).

Identificamos alguns sentimentos dos alunos quando não conseguem se expressar oralmente da forma que eles gostariam. Palavras como frustração, nervosismo, desespero e incapacidade traduzem bem estes sentimentos. Apesar da existência destes sentimentos, acreditamos que isso não é um fator desmotivacional se relembrarmos das metas dos alunos, que é alcançar a fluência na habilidade de fala.

Para reverter a situação de desespero ou dificuldade, os alunos desenvolveram algumas estratégias. Nesses momentos eles geralmente (1) procuram usar sinônimos ou fazer uma colocação com palavras diferentes, mas que se aproximam do sentido que eles estão querendo expressar. Também fazem uso de (2) mímica (gestos), (3) falar palavras sem a estrutura gramatical, na intenção do interlocutor deduzir o que o falante deseja transmitir e (4) o uso de dicionário.

Concluimos que os alunos estão cientes de seus objetivos e também do que é necessário para alcançar estes objetivos. Eles sentem que precisam adquirir mais vocabulário, pesquisar sobre os diversos assuntos para ter mais argumentos para discutir, ter mais oportunidades de praticar a língua japonesa e quando estas oportunidades chegarem é preciso se esforçar mais para falar, mesmo cometendo erros.

5. Considerações finais

De acordo com a posição hierárquica dos conceitos de abordagem, método e técnica de Edward Anthony revisados na seção 2.1, a abordagem que um professor emprega influi diretamente na escolha do método e das técnicas. Mas constatamos que apesar da crença da professora parecer estar fortemente vinculada à abordagem gramática-tradução, isso não a impediu de utilizar o método direto e a abordagem comunicativa para fazer com que o objetivo da matéria JEO1 fosse alcançado, a prática exclusiva da oralidade da língua japonesa. Para tal prática, a professora exigiu que os alunos se comunicassem somente na língua japonesa, utilizando técnicas como o exercício contextualizado (uso de perguntas fáceis partindo para perguntas mais elaboradas) e o exercício de aplicação (debate).

A professora acredita, ainda, que para melhorar a habilidade de fala dos alunos é preciso exercitar mais vezes por semana. Uma aula de dois créditos é muito pouco para a prática da oralidade.

Em relação à metodologia utilizada pela professora, o uso do método direto e da abordagem comunicativa nesta turma de nível intermediário foi um sucesso, pois os alunos buscaram a matéria JEO1 justamente para suprir a necessidade de exercitar a conversação na língua japonesa. Os alunos acreditam que as abordagens, os métodos e as técnicas utilizadas pela professora foram favoráveis e os ajudaram a desenvolver a habilidade de fala em sala de aula. Isso está relacionado com a nota 1 do quadro 2 (seção 4.4 neste estudo), onde os alunos atribuíram notas relativamente altas para os seus desempenhos nas aulas de JEO1. Isso demonstra também que os alunos estão satisfeitos de maneira geral com a abordagem, métodos e técnicas utilizadas pela professora.

Apuramos que para os alunos, falar é a mais importante das quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler, escrever). Isso se deve pela principal função da linguagem, tanto oral como escrita, que é manter as relações sociais por meio da comunicação. Além disso tem o fator profissional e cultural, onde os alunos enxergam oportunidades de emprego e a absorção da cultura do Japão por meio do domínio da língua japonesa.

Falar a língua japonesa é difícil principalmente por falta de vocabulário, falta de contato com a língua (falta de pessoas com quem praticar), nervosismo na hora de falar e a estrutura gramatical do japonês que é muito diferente da língua portuguesa.

Apesar dos alunos acreditarem que oralmente se desenvolvem bem na sala de aula, eles ainda têm muita dificuldade em situações de fala fora do âmbito acadêmico. Podemos concluir que os alunos sabem que precisam se empenhar mais para alcançar seus objetivos, que é a fluência na língua japonesa. Os alunos afirmaram sentir frustração, nervosismo, desespero e incapacidade quando não conseguem transmitir suas mensagens para um interlocutor na língua japonesa.

Isso pode estar relacionado com as notas 2 do quadro 2 (seção 4.4 neste estudo), onde as notas atribuídas foram relativamente baixas. Isso demonstra também que, de maneira geral, os alunos estão insatisfeitos com sua habilidade de fala. Apesar disso, os sentimentos de frustração, nervosismo, desespero e incapacidade parecem não ser fatores desmotivacionais.

Constatamos que os alunos anseiam pela habilidade de falar a língua japonesa e para isso necessitam de mais oportunidades. Oportunidades de errar e perceber o erro, oportunidades de errar e ter uma pessoa capacitada para corrigir, oportunidades de acertar e sentir o resultado de seus esforços, oportunidades de praticar.

Futuramente podemos pensar em como ampliar estas oportunidades. Visando um auxílio para que os professores proporcionem aulas onde os alunos se sintam à vontade para falar, podemos pensar em como executar mais vezes e de forma cada vez mais eficaz, o bom exemplo que tivemos nas aulas de JEO1.

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, M. L. O. Crenças, motivações e expectativas de alunos de um curso de formação Letras/Espanhol. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K, A. da (Orgs.). **Linguística Aplicada: múltiplos olhares**. 1. ed., Campinas-São Paulo: Pontes Editores, 2007. p. 191-231.
- BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- _____. Ser professor de inglês: crenças, expectativas e dificuldades dos alunos de letras. In: **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2004. p. 11-29.
- _____. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.
- _____. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- CONSOLO, D. A.; SILVA, V. L. T. Desenvolvimento da proficiência oral em inglês de alunos universitários: análise de tarefas e da qualidade das interações verbais. In: **A formação de professores de línguas: Novos olhares – v. 1**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 127-146.
- COUTO, L.C. Entre mundos de todos nós e mundos de cada um: uma investigação sobre relações entre crenças e identidades de alunos de alemão (LE). In: **Experiências de Aprender e Ensinar Línguas Estrangeiras: Crenças de Diferentes Agentes no Processo de Aprendizagem**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 295-332.
- FEIJÓ, F. **Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à competência comunicativa em língua japonesa**. 2010. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2010.

- HORWITZ, E. K. Surveying Students Beliefs About Language Learning. In: WENDEN, A. L.; RUBIN, J. (orgs.). **Learner Strategies in Language Learning**. 1. ed., Londres: Prentice-Hall, 1987, p. 119-129.
- JOHNSON, D. M. **Approaches to Research in Second Language Learning**. 1. ed., Nova York: Longman Publishing Group, 1992.
- KALAJA, P. Student beliefs (or metacognitive knowledge) about SLA reconsidered. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 5, n. 2, 1995. p. 191-204.
- KAWAGUCHI, Y. **Seichô suru kyôshi no tame no nihongo kyôiku gaido bukku** (Livro guia do ensino da língua japonesa para o crescimento de professores). Tóquio: Hitsuji Shobô, 2006. p. 88-143.
- KOBAYASHI, M. **Yoku wakaruru kyôjuhô** (Introdução aos métodos de ensino). 2. ed., Tóquio: Aruku, 2004. p. 155-174.
- LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford University Press, 2000.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.
- MOTA, M. B.; BERGSLEITHNER, J. M.; WEISSHEIMER, J. Situando a pesquisa sobre produção oral em LE. In: **Produção Oral em LE: Múltiplas Perspectivas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 7-17.
- MUKAI, Y. **A interlíngua dos aprendizes brasileiros de língua japonesa como LE, com enfoque no uso das partículas wa e ga**. 2009. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Campinas, São Paulo: Universidade de Campinas, 2009.
- _____. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. In: **Estudos Japoneses**, n. 31, p. 193-219, 2012.
- NUNAN, D. **Designing tasks for the communicative classroom**. Cambridge University Press, 1989.
- _____. **Second Language Teaching & Learning**. Heinle & Heinle Publishers: Boston, 1999.
- PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. In: **Review of Educational Research**, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992 (fall).
- SELIGER, H. W.; SHOHAMY, E. **Second Language Research Methods**. Oxford University Press, 1989. p. 104-211.
- TAKAMIZAWA, T. **Hajimete no Nihongo Kyôiku 2: Nihongo Kyôjuhô Nyûmon** (Aos iniciantes do ensino de japonês 2: Introdução aos métodos de ensino da língua japonesa). Tóquio: Bonjinsha, 1996.
- THE JAPAN FOUNDATION. **Hanasu koto wo oshieru** (Ensinando a falar). Tóquio: Hitsuji Shobô, 2007.

- VERONESE, C. A. S.; CARVALHO, R. C. M. Repensando os métodos de ensino/aprendizagem da língua inglesa através da história. In: UNICENTRO – **Revista Eletrônica Lato Sensu**, 2008. ed. 5, p. 1-11.
- VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Crenças, pressupostos e conhecimentos de alunos-professores de língua estrangeira e sua formação inicial. In: **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2004. p. 131-152.
- VIEIRA-ABRAHÃO, M. H.; BARCELOS, A. M. (orgs.). **Crenças e ensino de línguas – foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- VILAÇA, M. L. C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Unigranrio, 2008. p. 73-88.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, me senti coagido(a) a participar.
- Todas as minhas respostas orais ou escritas permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada.
- Minhas respostas poderão ser utilizadas no trabalho de conclusão de curso e em eventuais artigos ou apresentações orais sobre o estudo.
- A minha participação nesta pesquisa incluirá preencher um questionário e participar de uma entrevista oral.
- Autorizo a pesquisadora, Jaqueline Mendonça Fukushi, observar as minhas aulas e também gravá-las em áudio.

Declaro que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados e que entendo qual será minha contribuição como participante, comprometendo-me em participar de todas as etapas que constitui a pesquisa. Afirmo ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, 17 de maio de 2012.

(nome e assinatura do participante)

Contatos: _____

Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO 1 – QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA

O presente questionário faz parte de uma pesquisa na área de Ensino da Língua Japonesa, que está em andamento na matéria “Projeto de Curso”, oferecido pelo Curso de Letras-Japonês.

Informo que todas as informações reproduzidas na monografia serão feitas de forma anônima, ou seja, o nome verdadeiro do participante não será revelado.

Sua contribuição é valiosa para o sucesso da pesquisa.

1. Há quanto tempo você dá aulas de língua japonesa? (anos)
2. Enumere de 1 (um) a 6 (seis) os domínios que mais considera importantes nas aulas de língua japonesa, sendo 1 (um) a mais importante e 6 (seis) a menos importante. E justifique brevemente a ordem atribuída.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> escrita (inclusive <i>kanji</i>) e vocabulário | <input type="checkbox"/> competência auditiva |
| <input type="checkbox"/> gramática | <input type="checkbox"/> competência comunicativa |
| <input type="checkbox"/> redação | <input type="checkbox"/> interpretação de texto |

Justificativa: _____

Especifique por que você colocou o número “X” para “competência comunicativa”

3. Enumere de 1 (um) a 6 (seis) os domínios onde os alunos apresentam mais dificuldade na aprendizagem de língua japonesa, sendo 1 (um) a maior dificuldade e 6 (seis) a menor dificuldade.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> escrita (inclusive <i>kanji</i>) e vocabulário | <input type="checkbox"/> competência auditiva |
| <input type="checkbox"/> gramática | <input type="checkbox"/> competência comunicativa |
| <input type="checkbox"/> redação | <input type="checkbox"/> interpretação de texto |

4. No quesito competência comunicativa, por que você atribuiu o número “X” ao grau de dificuldade? Justifique brevemente.

5. O que você pensa a respeito da competência comunicativa dos alunos em sala de aula? Explique brevemente.

6. Qual a sua atitude quando percebe que um aluno tem dificuldade de se expressar oralmente sobre algum assunto?

7. Quais os cuidados a tomar ao preparar uma aula de expressão oral?

8. Qual a abordagem, ou seja, a sua concepção sobre a língua e a aprendizagem do idioma japonês, em que você se norteia?

9. Em que métodos você se baseia para as aulas de expressão oral?

10. Quais as técnicas que mais utiliza nas aulas de expressão oral? Marque um X nas técnicas que você utiliza em suas aulas.

Role play Exercício de acréscimo de elementos na frase

Entrevista Speech

Exercício de repetição Debate, discussão

Outros (Especifique: _____)

11. Enumere de 1 (um) a 6 (seis) as técnicas que mais considera importantes nas aulas, sendo 1 (um) a mais importante e 6 (seis) a menos importante. E justifique a ordem atribuída.

Role play Exercício de acréscimo de elementos na frase

Entrevista Speech

Exercício de repetição Debate, discussão

Justificativa:

12. Que tipo de exercícios, além dos já citados, você acha que ajudaria a potencializar a competência comunicativa dos alunos?

13. O que você espera que os alunos façam para potencializar suas competências comunicativas em sala de aula?

14. O que você faz para tornar a aula mais interessante e instigar a vontade de falar nos alunos?

Agradeço a sua participação.

Pesquisadora: Jaqueline M. Fukushi

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO 2 – QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa na área de Ensino da Língua Japonesa, que está em andamento na matéria “Projeto de Curso”, oferecido pelo Curso de Letras-Japonês.

Informo que todas as informações reproduzidas na monografia serão feitas de forma anônima, ou seja, o nome verdadeiro do participante não será revelado. Sua contribuição é valiosa para o sucesso da pesquisa.

Informações Pessoais

Período de Ingresso na UnB: _____ / _____ Semestre atual: _____ / _____

Sexo: F () M () Idade: _____

Nome: _____

Há quanto tempo estuda a língua japonesa? (_____ anos e meses)

1. Dentre as quatro habilidades linguísticas (falar, escrever, ouvir, ler), qual habilidade é mais importante para você no ensino-aprendizagem de língua japonesa? Enumere de 1 (um) a 4 (quatro), sendo 1 (um) a mais importante e 4 (quatro) a menos importante.

FALAR (___); ESCREVER (___); OUVIR (___); LER(___).

2. Especifique por que você colocou o número “X” para a habilidade de “FALAR” no ensino-aprendizagem de língua japonesa.

3. Em quais das opções abaixo você sente mais dificuldade? Enumere de 1 (um) a 6 (seis), sendo 1 (um) a maior dificuldade e 6 (seis) a menor dificuldade.

() gramática () escrita (inclusive *kanji*) e vocabulário

() fala

() compreensão do que a outra pessoa diz

() redação

() interpretação de texto

4. No quesito “fala”, por que você atribuiu o número “X” ao grau de dificuldade? Justifique brevemente.

5. A matéria Japonês – Expressão Oral 1 não é uma matéria obrigatória na grade curricular do curso de japonês. Por que resolveu cursá-la?

6. Você tem oportunidade de conversar em japonês fora da sala de aula?

() Não () Sim Especifique: _____

Que tipo de estratégias você utiliza na sala de aula, para melhorar sua competência comunicativa?

7 Que tipo de estratégias você utiliza fora do âmbito universitário, para melhorar sua competência comunicativa?

8. Com todo o tempo de estudo da língua japonesa, já se sente seguro para conversar em japonês com outras pessoas?

Sim Não

Se sim, o que você acha que o/a fez ter essa segurança para se comunicar verbalmente com outros?

Se não, explique por que se sente inseguro.

9. O que você sente quando tem que se expressar oralmente em japonês na sala de aula?

10. Qual abordagem, método e/ou técnica a professora responsável pela matéria Japonês – Expressão Oral 1 utiliza na sala de aula?

11. Você está satisfeito com essa abordagem, método e técnica utilizados pela professora? Marque um X. E explique por que você pensa assim?

muito satisfeito satisfeito um pouco satisfeito

pouco satisfeito nada satisfeito

Justificativa: _____

12. Quais métodos e/ou técnicas você sugeriria para as aulas de expressão oral?

13. O que pode ser feito no curso de Letras-Japonês para aperfeiçoar as aulas de Expressão Oral 1?

Agradeço a sua participação. Pesquisadora: Jaqueline M. Fukushi